

# SUPLEMENTO

## Diário de Lisboa

# LITERÁRIO

N.º 569/3 DE JULHO DE 1969



ALAIN RESNAIS

(atenção à página 4)

José Cardoso Pires:

## INTERVENÇÃO A CADA DIA

«É possível que algum leitor menos precavido contra a espécie de escritor que eu sou, seja obrigado a reconhecer momentaneamente que não foi de todo inútil a campanha a que me votei na defesa de uma concepção de romance entre nós praticamente inexistente há vinte anos»

JOÃO GASPASIMÕES, *Crítica III*

**Q**UE concepção? pergunto. A do romance psicológico? A de uma europeização da nossa literatura (aprendida em Proust? em D. H. Lawrence? em Thomas Mann?) A do modelo presencista via Régio?

Aqui, por exemplo, desenhava-se já um dos muitos territórios incertos e movediços em que frequentemente se encontram e se debatem os comentadores do ensaísmo de João Gaspar Simões. Um dos muitos, sim, um dos muitos. Porque neste escritor, tantas vezes definido de monolitismo e de motivações idiossincráticas, o enunciado doutrinário é frequentemente mais austero do que as exemplificações práticas que o ilustram; e porque nele, com todos os circunstancialismos em que se processa uma crítica regular, o corpo de tese escapa facilmente ao leitor e tanto se pode revelar fragmentado e exposto a simplificações didáticas, como excessivamente concentrado e sujeito a apelos contraditórios.

Adversário do neo-realismo, consideram uns que lhe atribui um carácter empírico ou fenomenológico, de causalidade directa do meio sobre o indivíduo, que não está consignado no programa estético desta corrente. Por outro lado, avesso às seduções do populismo, sublinham-se-lhe nessa linha de princípio várias excepções de recuperação. Para uns, as suas raízes presencistas comprometem-lhe a largueza de perspectiva, enquanto que a sua abertura aos escritores mais válidos da geração de 45 o enuncia aos olhos de outros. Aqui é-lhe apontado o formalismo como obces-

são aleatória, acolá um pragmatismo de sistematização ao identificar escolhas ou correntes.

Assim, entre descontinuidades e oposições marginais se tem feito a corajosa caminhada deste escritor que, como nenhum outro em toda a nossa literatura, a acompanhou quotidianamente e nela tem tomado partido responsável.

**A**BRIR como João Gaspar Simões abriu o capítulo da Crítica numa Literatura onde apenas se assinalavam rasgos de polémica ocasional, desde José Agostinho de Macedo ao republicano Alexandre da Conceição, com desgarradas passagens por Eça, Camilo, Ramalho, etc.; pegar no exemplo de Moniz Barreto com vistas a uma actividade regular da crítica; e nobilitá-la; e persistir nela ao longo de cerca de quarenta anos — tudo isto impõe meditação e dever de homenagem. Estamos, senhores, na comarca dos senhores. Não temos como se diz comumente o hábito da crítica. De literatura vivimos falar da dos mortos em folha copilográfada de sebenta ou em tremulo barroco dos discursos funebres. Estamos todos, nós os prosadores, ensaístas ou imortais de separatas, condenados à acedemia. Sim, é isto. E é nisto, nesta coisa, que por volta de 1936, João Gaspar Simões ergueu um protesto inconformado, lançando aos jornais a notícia regular de que algo se passava à margem da literatura consagrada nas efemérides. Que dia a dia se estava construindo e publicando uma nova prosa e uma nova poesia. E que

era urgente que se soubesse disso, e se lesse.

Eu sei: Gaspar Simões não despontava do nada. Tinha o exemplo do seu admirado Moniz Barreto e trazia nele o fervilhar das ideias estéticas da geração coimbrã de 1927. Mas lendo hoje aquele autor de *A Literatura Portuguesa Contemporânea* sem as benevolências da distância, poderemos nós encontrar-lhe as audácias e o espírito de coesão que lhe justificam um papel de precursor na actividade crítica? E no que toca aos ensaístas da *Presença* haveria então um corpo de doutrina devidamente fundamentado que servisse de instrumento ágil e aberto à crítica de João Gaspar Simões?

E eis por que foi duplamente difícil a cruzada desde escritor. Quebrando os hábitos da comarca dos letrados, apresentou-se como um contestador que à sua própria custa, ou quase, vai forjando o esquema da ofensiva em plena praça pública. Jogando-se às vezes dos contrários, corrigindo-se, procurando uma unidade interpretativa.

**N**UMA «mesa-redonda» deste jornal (27 de Junho, *A Função Social da Crítica*) uma das mais lúcidas intervenções — a de Eduardo Prado Coelho — acentuava a necessidade de profissionalização e estabelecimento de uma crítica alicerçada sobre o binómio obra-leitor, isto é, produto-consumidor.

*Profissional da crítica.* Ai está um título de responsabilidade que vale como um desafio ao nosso reinado do amadorismo e que Gaspar Simões assumiu com todos os riscos de juízo e com todas as contingências de ambiente. O índice de correcção que uma actividade destas, tão extensa e tão aturada, requer progressivamente do autor, a circunstancialidade em que ele realiza o seu trabalho e as dificuldades de expressão pública são factores que devem contar

em boa justiça no balanço de uma campanha de semelhante continuidade. E o que impressiona, o admirável, é que, ao cabo de dezenas de anos e num clima destituído de *fayr* (e já não falo sequer de auto-crítica) o comentador de

centenas e centenas de livros mantenha vivo o gosto de leitura e guarda em si a capacidade de admirar. E, mais notável ainda, que, embora fiel aos seus fantasmas denegridos (o do neo-realismo, antes do mais) e às suas vincula-

ções de geração, este homem tenha prestado justiça, vezes sem conta, a escritores que ideologicamente se não identificam com ele.

Um esforço assim, quase solitário, na promoção da ficção do momento afigurava-se-me, sempre se me afigurou, do maior estímulo para o criador pelo que lhe suscita de debate público ou interior. Mais do que isso: em relação à literatura viva — aquela que se forja no nosso quotidiano e que não goza dos prestígios do *in memoriam* — essa actividade não se tem sido como que a imposição de uma carta de cidadania à actualidade literária, como exerceu influência preponderante na revelação de outros críticos.

E que, independentemente das suas concepções estéticas ou, até, por resposta a elas, Gaspar Simões foi o catalizador de novos movimentos polémicos e de várias incursões consequentes que se registaram no domínio da Crítica e do Ensaio. Se, tocados pelo seu exemplo ou pela discussão, eclodiram medíocres fogos-fátuos nas tribunas das letras, a verdade é que também surgiram outros valores da crítica com novas perspectivas e com amplitudes insuspeitadas.

**R**ETOMO o depoimento de Eduardo Prado Coelho no ponto em que se refere ao abandono da actividade crítica por parte de alguns dos seus maiores valores. Há ali uma justificação de fundo (a da necessidade da profissionalização) que envolve em si mesma, uma afirmação de princípio — a de que «a crítica tende a transformar-se na própria obra do crítico (que) se serve dela para escrever textos de ensaio que não tem tempo para escrever em livro».

De acordo, é também isso. Mas creio que mais ainda. Creio que o enriquecimento crítico já não tem a mesma graduação de há



João Gaspar Simões: 40 anos de vida literária

(Continua na 2.ª página)



(Continuação da 1.ª página)

# Intervenção a cada dia

posta *significativa* ao meio, uma expressão-tipo do comportamento humano em crise de equilíbrio ou de integração — e daí que a crítica tenha atingido uma outra ambição e uma outra sistematização. O desajustamento entre os princípios deste tipo de análise e os condicionamentos em que ela se pode exprimir é, a meu ver, e no caso português, um factor quase impeditivo e uma das razões de deserção dalguns dos nossos melhores críticos.

É possível que algum leitor *menos preocupado* contra a espécie de escritor

que eu sou seja obrigado a reconhecer *momentaneamente* que não foi de todo inútil a campanha a que me votei... Quem fala assim (palavras datadas de agora, 1969) tem a serena consciência do espírito limitado da comarca. Conhece as tortuosidades do terreno, não espera sequer o reconhecimento elementar que é devido aos homens que, dia a dia, ano após ano, se situaram nele e que no interesse dele escolheram uma tarefa de incomodidade. Não. Diz isto como quem faz o seu próprio balanço numa frase de amargura. E prossegue.

Os métodos científicos e as ciências sociais ganham terreno na apreciação da criação literária, sem que, por isso, os valores da escrita e da comunicação (as representações artísticas e as suas liberdades específicas de metáfora e de associação) sejam subestimadas. Mas todo o romance, toda a ficção, é uma res-

qual seria impossível deixar de encontrar lacunas circunstanciais ou pontos de discordância. Inevitavelmente que sim. Magoa-me, por exemplo, que *Barranco de Cegos*, de Alves Redol, lhe não tenha merecido, já não digo as honras de um dos primeiros romances portugueses contemporâneos, mas pelo menos o destaque representativo que lhe cabe;

não partilho dos entusiasmos que por vezes lhe ocorrem; nem do ardor e simplicidade com que ocasionalmente limita o enquadramento social da obra de arte.

Mas nem estes nem outros desencontros me fazem esquecer a sua atenção para com os estrangeiros em que luz alguma réstia de fôlego; nem a certeza da sua aposta em

escritores que o futuro iria comprovar indiscutivelmente.

Neste homem de quarenta anos de intensa vida literária, o gosto pela qualidade da efabulação, a coragem de apostar e de se expor são atributos que nesta praça de intangíveis se sobrepõem sobranceiramente ao tempo. Quando o silêncio se institui como regra, ele continua, metó-

dica e regularmente, a elaborar o seu testemunho sobre a criação literária portuguesa, tão completo e tão documentado, tão ao correr das vicissitudes em que essa criação se processa, que dificilmente nos podemos aperceber da sua importância como capital do presente e como informação do futuro.

JOSÉ CARDOSO PIRES

11-7-936

Suplemento literário do Diário de Lisboa

## OS LIVROS DA SEMANA

Breves considerações sobre a crítica

"S. Jerónimo e a Trovoada" por Teixeira de Pascoais, "Isabel de Aragão, Rainha Santa" por Vitorino Nemezio

Em 11 de Julho de 1936, como a gravura documenta, João Gaspar Simões subscreve a sua primeira crítica literária no «Diário de Lisboa»: Teixeira de Pascoais («S. Jerónimo e a Trovoada») e Vitorino Nemezio («Isabel de Aragão, Rainha Santa») são os autores em foco. No entanto, data de 4 de Julho do mesmo ano a primeira colaboração de Gaspar Simões no «Suplemento Literário» deste jornal: «Das relações do cinema com a literatura», um tema que permanece actual 33 anos depois...

Afirmar, não há muito tempo, nestes meses de Junho, que a crítica literária não é mais do que um jogo de palavras, é uma afirmação que os nossos grandes periódicos, votam a crítica literária. Conquanto que todos os dizem ao fluxo de contar, entre os seus colaboradores, com, pelo menos, um que ostentará o título de crítico, a verdade é a sua acuidade ser meramente decorativa. De estambur, seria que o não fosse. Por mais insignificante que seja a produção literária de um país, é materialmente impossível um só crítico ler e comentar tudo quanto se escreve. Além de que não há maneira dum mesmo inteligência abarcar proficientemente todos os ramos do saber humano. A crítica nos jornais portugueses, por via de regra é confiada a um só colaborador, que se vê a brigar com obras de todas as especialidades; desde a poesia à matemática. Ora o certo é não ser admistível que num país civilizado à grande imprensa descure um problema tão capital como o da crítica. Se os jornais que, habitualmente, ostentam a opinião pública, como lográ-lo seu intuito se é a não encaminham num dos mais importantes sectores da vida mental?

Isso com respeito ao público? Com respeito aos escritores, é fácil de sentir as consequências desta falta na desordem que jávra nos arrais literários. Se, em geral, conseguiu crítica nos jornais quem de qualquer maneira obtém uma recomendação para o crítico. Nisto a crítica publica-se e o escritor será, pelo menos, ilustre. Caso contrário, só um milagreoso acaso lhe permitirá tal glória. Assim passam completamente despercebidos do público alguns dos melhores livros que em Portugal se vão publicando. Assim se cria ceticismo no espírito de muitos jovens. No espírito de outros críticos o espírito lumbomelânico. E não se dá a crítica de crítica, maneira pelas notabilidades.

Evidentemente que o mal é muito antigo. Este, como outros males nacionais, existe e existirá por muitos anos, de modo que o esforço de cada um para o ganhar e o amplexar é o único meio de o resolver.

tudo quanto, em geral, não passa pelo crivo da razão. E a sua poesia é assim qual quer coisa como uma linguagem misteriosa.



TEIXEIRA DE PASCOAIS

sa, gratuita, sem sentido imediato. Por exemplo:

breu, enche ou ovidos de pedras que se vão cravar na memória—pedras sagradas do Sinai. Mas o Sabão não o acalma. Jejus, mecer, o peito com um seio; faz penitência. Pior! A imaginação alimenta-se de fome; e a fraqueza fortalece-a. Logo, no entanto, Pascoais se evade deste caminho meramente descritivo, no qual poderíamos encontrar S. Jerónimo mais ou menos subjectivo pelo poesia; como seria natural, mas não obstante ser vivo, alguém autónomo e objectivo. A Pascoais fascina-o o estilo sentencioso, onde Napoleão aparece constantemente; como um fantasma; e o poeta deixa de ser poeta para nos fustigar com sentenças por vezes contrafagoradamentemente bíblicas. «A imaginação é uma mulher e lança-nos em aventuras arrojadas», eis um exemplo. Figura-se-nos que S. Jerónimo e a Trovoada nada acrescenta à glória de quem escreveu os poemas admiráveis do Sempre.

\*\*\*

Be o S. Jerónimo, de Pascoais, e uma biografia malograda (e dot-lhe este nome porque não sei que outro lhe possa dar) Isabel de Aragão, Rainha Santa, a pequena biografia que Vitorino Nemezio acaba de publicar, pode dizer-se um modelo no género. Ainda há pouco tempo vivo ocasião de escrever, aqui mesmo com Nemezio acerca de biografia. Lembro-me que lhe predileti um futuro ramo de biografia, logo que ele se visse perfeitamente à vontade diante de um tema por ele livremente escolhido e livremente tratado. Isabel de Aragão tem todas as virtudes da obra biográfica solidamente fundamentada, na qual os pontos mais escudris se descobrem na trama natural da vida que se croca. Estas virtudes, que ante a obra de Pascoais marcam um traço nítido entre duas gerações—a que improvisa e a que aprofunda pelo estudo—são grandes virtudes. A Rainha Santa que Nemezio nos dá a conhecer é uma mulher humana, muito há no próprio pormenor fisiológico que pela sua humanidade com o mundo, tudo. O quadro epico;